

UNIÃO FIGUEIROENSE

Orgão do Centro Democrático Dr. Affonso Costa

PUBLICAÇÕES

Comunicados e annuncios contendo accusações a particulares ou relativos a vida privada dos cidadãos não se publicam.

Composto e impresso nas officinas da UNIÃO FIGUEIROENSE.

Redacção e Administração
Rua Luiz Quaresma Val do Rio

DIRECTOR — Alfredo Simões Pimenta

Editor — Alfredo Leucastro e Barros

Administrador e proprietario — José M. F. David

ASSIGNATURAS

Annuncios por cada linha 40 réis, repetições	20
Anno, pagamento adiantado	152.00
Semestre	60.00
Brazil (moeda forte)	250.00
África	152.00
Numero avulso	30

O CASO DA CHAMUSCA

A imprensa da capital trouxe-nos a noticia de um lamentavel acontecimento passado na populosa villa da chamusca. Trata-se de divergencias politicas, discutidas pelo facto, sob o falso nome de uma questao religiosa.

Dada a gravidade do momento e as circumstancias que revestiram a sangrenta lucta, não podemos deixar de manifestar a nossa attitude perante o acontecimento, não só porque elle está na tela da discussao, mas ainda porque constitue na vida intima da Republica um facto grave, se d'elle resultarem as consequencias que exemplos d'esta natureza podem fomentar. Parece não restar duvida de que alguém procurou desvirtuar a essencia do sentimento religioso do povo, para excitar a multidão e provocar uma revanche que só o rancorismo de velhos adversarios poderia aconselhar e pôr em execucao.

Se assim é, e parece demonstrado que outros motivos não imperaram no animo da turba provocadora do conflicto, o caso merece por parte dos poderes constituídos a meticolosa attenção que requerem sempre a manutencao e o respeito pela ordem publica.

Houve discolos que propositada e criminosamente se aproveitaram da ignorancia do povo, para conseguirem mallevolos intentos urdidos pela satisfacão de odios pessoases? — Castiguem-se rigorosamente os provocadores!

Houve auctoridades que exorbitaram das suas funcões, ou por injuria deram origem ao tragico conflicto? — Punam-se com severidade esses funcionarios, porque a elles mais directamente pertencem as responsabilidades do attentado! Nada de complacencias, no momento em que ellas representam uma fraqueza. É preciso provar que a Republica é um regimen que tem por base a justiça e a moralidade. Impdem-se as medidas mais energicas, mais urgentes e mais efficazes contra os provocadores da ordem publica.

É absolutamente preciso, antes que o mal se agrave, oppôr uma forte barreira que domine o selvagismo de uns e o odio profundo de outros.

O respeito devido aos cidadãos não pode esquecer-se e tem de ser assegurado por actos energicos. Se a Lei permite — com dadas as condições — a exhibicao da pratica de velhos costumes, todos têm de obedecer-lhe, porque a todos obriga ao seu integral cumprimento. Façam-se as precissões

onde a religiosidade dos crentes assim o exige, mas façam-se sob as condições impostas pela Lei. Se as precissões não podem ter logar em conformidade com o que a Lei exige — a manutencao da ordem publica — não se façam, porque representam um attentado contra o mais sagrado direito dos povos — a liberdade de consciencia.

Não somos d'aquelles que desejamos, de momento, aniquilar os velhos preconceitos de uma sociedade ainda ignorante, ainda eivada de vicios, mas reconhecemos a absoluta necessidade de ir incutindo no animo do povo o sentimento da emancipação espiritual.

Aquelles que trabalham pela Republica, os que desejam que a sociedade portugueza progrida, livre e independente da ambicao alheia, têm necessariamente de ir combatendo em todos os campos a reacção clerical, que proetra na sombra esmagar e submeter á sua intolerante ambicao as conquistas da Liberdade. Esses combates, mais cautelosos na forma do que na essencia, têm de ser suaves, mas persistentes. Combater rudemente as crenças alheias é um mau processo, é preciso preparar o espirito do povo, cultivando a sua intelligencia, educando-o, para uma transição que lhe rasgue novos horisontes cheios de luz, de paz e amor, illuminando-lhe o cerebro com uma nova aurora resplandecente de Fraternidade.

Só assim poderemos formar a cupula magistral da obra grandiosa da Republica, que ha de coroar afinal os nossos esforços em arranjar das garras do obscurantismo tantos milhares de cidadãos, ainda mergulhados no mais denso analfabetismo.

No caso presente, é indubitavel que uma lucta de egoismos transparece claramente sob a mascara hypocrita de uma questao de crenças.

A precissao dos fogareus não passou, a nosso ver, de uma arma politica destinada a exaltar aquella pacifica populacao, com fins manifestamente criminosos. Urge, pois, que o governo da Republica attente ben no melindroso assumpto, pondo a descoberto os manejos dos reaccionarios e castigando com energia os delinquentes. É imperiosamente necessario que casos semelhantes se não repitam, porque, alem de pôrem em cheque a auctoridade moral dos governantes, trazem em constante sobressalto os governados.

Não pode consentir-se a confusao entre as crenças religiosas e as politicas. A Republica, garantindo o direito a umas e outras, tem o indeclinavel dever de distingui-las.

ECHOS

O rabula, que repetidamente se está elogiando nas columnas do pasquim, ven agora com a artimanha de declarar que não invocará em seu favor a prescripcão dos seus crimes e dos do outro!...

Demais sabes tu, refinado araujo, que a prescripcão de qualquer crime não necessita de ser invocada pelo arguido, visto que ao agente do ministerio publico cumpre accusa-la, sem ser requerida!

E, porque o sabes, é que assim falas, mas de nada te valerá a manha, que os outros não dormem...

Então quando é que sae do prelo essa tal replica?!

— Se tivesses vergonha, ha muito a terias publicado, mesmo com mentiras e tudo! Porque esperas?!

Anda, desfaz a prova esmagadora de que és um refinado gatuno!

Miseravel! julgas a situacão liquida da? Como te enganas e que de surpresas te esperam!...

Caminha, homem, mas lembra-te de que, em quanto trilhares o mesmo terreno, jamais sairás do atoleiro, onde te precipitou a tua louca ambicao.

Não ha bem que sempre dure...

Viram a insensatez e a desvergonha com que o pasquim dedica a prosa do artigo do fundo aos selvagens da Lavanadeira e Fonte da Guiza? — Pois bem, o incentivo com que se provoca o povo ao crime vae dando os seus tristes resultados e ninguem terá de que admirar se se algum d'esses miseraveis que têm de sobedecido ás intimações da auctoridade, vindo provocar desordens de noite á villa, ficar para ali despedaçado. Temos aconselhado prudencia e, com a nossa intervençao, se tem evitado incidentes que seriam para lastimar. Mas, a continuar a provocacão e o incitamento a ella por parte de alguns desbragados que tecem na sombra o desassocego de Figueiro, então fiquem sabendo os provocadores e seus assalariados que saberemos defender-nos dos seus ataques, fazendo lhes pagar cáras as aventuras em que loucamente andam envolvidos.

Sabemos das instrucções que repetidamente têm sido dadas aos caceteiros e temo los visto entrar e sair de casa de um dos seus chefes. Não imaginem que dormimos, nem supponham que temos medo! Se assim pensam, enganam-se.

Os tempos agora são outros... Quanto mais graduados forem os bandidos, tanto maior será a necessidade de dar-lhes caça. E não ha prudencia, por mais que seja necessaria, que possa justificar a cobardia.

O pasquim, se não existisse, era necessario inventa-lo! Que de audacia! que de petulancia!... Bem se vê que é o orgão da ordem dos frades araujanos...

Pois então o diabo do canudo não se convence de que a sua prosa é lida pelo ministro do interior?!

Tem graça! E a desfaçatez com que elle vem dizendo que são attendidas as suas reclamações!

Cada vez está peor da... bota!...

Agora deu-lhe para informar os leitores de que, mercê da sua intervençao, já os ceifeiros podem ir a Hespanha sem passaporte! Como se isso não acontecesse ha muitos annos!

O desgraçado, olha que os tempos em que o povo vos attribuiu todas as attencões dos poderes publicos já lá vae. O povo já vae comprehendendo que nada vos deve e que não tendes a menor importancia para o servir e que outra coisa não quereis, senão viver regaladamente á custa da sua ignorancia! Olha que ainda está muito fresco o caso das licenças para ter taberna que, se não fossemos nós, elle já tinha pago outra vez!!

O povo já vos conhece e sabe bem que o que quereis é devorar-lhe o seu dinheiro e nada mais.

O povo está farto de palavras bonitas; o povo o que quer é administracão honesta e menos palavriado...

O povo já sabe da syndicancia, já conhece os vossos processos!...

É do dominio publico que o grande benemerito Luiz Quaresma Val do Rio offereceu á escola d'esta villa uma importante porçao de material escolar.

A offerta foi feita por intermedio da commissao municipal transacta, que nas actas das suas sessões patenteou o seu reconhecimento áquelle illustre cidadão.

Não esqueceu a generosidade do sr. Val do Rio a escola do Bairro, sua terra natal, para onde deu tambem parte d'esse material. Sabe-o a camara, porque isso consta das actas das suas sessões, e sabe-o toda a gente.

Accresce ainda a circumstancia de existir na escola da villa, por virtude do mesmo offerecimento, grande quantidade de carteiras (supponho que são 24) e algumas ardizias.

Pois sabem os leitores o que a camara se dispõe a fazer? — Gastar uma verba importante que tem no seu orçamento, para comprar material para a escola do Bairro!...

Uma camara que não paga o que deve, a pretexto de pobreza, e que é realmente pobre, consente que se esteja deteriorando uma porçao grande de material escolar, para ir comprar outro!...

Que quer isto dizer, senhores do municipio, quando ainda o outro dia declaravam que não tinham verba para se responsabilisarem por uma pequena despesa para a conversão em mixta da escola de Aguda — despesa que não iria alem de uns 15.000 reis?!

Porque se não manda para a escola do Bairro uma dozia das carteiras novas que existem na escola da villa, completando o material com as usadas que tambem ali existem!

— Para que é tanto luxo, sr. Serra!?

E pensa se assim, quando a camara está prestes a ser demandada, por não pagar os seus calotes!

Que vergonha!...

Esteve hontem n'esta villa, em exercicio das suas funcões de advogado, o sr. dr. Francisco Rosa Falcão, director do nosso apreciado collega «O Cavador».

Ao sr. administrador do concelho

MUITO GRAVE

Dizem nos da freguezia de Arega que o prior da mesma, reverendo reacionario, de quem nos temos occupado largamente, continua a fazer ali das suas.

Segundo nos informam, o homenzinho faz referencias á missa conventual pouco lisonjeiras para a Republica e, não contente com isto, armou em perseguidor dos parochianos que não afinam pelo seu diapasão.

O outro dia exigiu uma quantia avultada a uns noivos pobres que queriam casar-se religiosamente e, como estes, por falta de recursos, não satisfizessem a ambição do padre, este recusou-se a confessá-los, quando mais tarde se lhe apresentaram na igreja para esse fim.

Alega o masmarro que quem não se casa pela igreja não é christão e que não tem direito a confessar-se.

Comprehende-se a impressão que isto produz nas aldeias, onde a ignorancia do povo é ainda grande.

Mas não fica por aqui o que nos dizem do tonsurado. A junta de parochia d'aquella freguezia tinha no seu orçamento uma verba destinada ao culto que, por virtude da lei, foi eliminada, quando o orçamento foi approvedo.

Pois o padre, como a junta lhe não deu essa quantia, que illegalmente queria receber, foi ás do cabo e incompatibilizou-se com aquella corporação, ordenando ao pedidor que não mais entregasse á junta o producto das esmolas, que é uso pedirem-se no fim da missa.

Ora o pedidor é um empregado da junta e só a esta tem de prestar contas, ingerindo-se por tanto o padre em attribuições que lhe não competem.

Mas o que é mais para lamentar é que o sr. regedor *ajuda á missa* com o padre n'estas irregularidades, não as comunicando aos seus superiores e até auxiliando o n'ellas.

Ha dias foi resolvido pela commissão concelhia d'administração entregar provisoriamente ao sr. Victorino dos Santos a parte rustica do passal d'aquella freguezia, porque, á falta de cultura, se estava deteriorando. Tomou o sr. Victorino o encargo de proceder aos respectivos trabalhos e, não obstante os seus esforços para contractar o pessoal necessario, não o conseguia — porque o sr. prior e o regedor andaram a dizer aos trabalhadores que não fizessem tal servico, pois o passal pertence a freguezia e não ao governo!... Isto não pode continuar e ao sr. administrador pedimos as providencias que o caso reclama, para não termos de levar as nossas queixas ao illustre ministro da justiça.

Esteve n'esta villa, de visita á familia Ayres Buraca, a sr.^a D. Victoria Henriqueta da Fonseca Borges, habil professora em S. Martinho do Bispo.

Sá Pessoa

Esteve entre nós este nosso amigo e antigo republicano, que com tanto entusiasmo e dedicação defende a causa da Republica, espalhando por todo o paiz, que percorre na qualidade de representante da casa de Lisboa, Nunes de Carvalho & C.^a, os principios democraticos. Sá Pessoa seguiu para Villas de Pedro, onde se demora alguns dias, aproveitando o ensejo de passar com os seus amigos e freguezes a festividade da Senhora do Pranto, que ali se realisa no proximo domingo.

Noticias de Alvaizere

Antes de mais nada, deve fazer-se uma anotação ao requerimento do sr. José André Berlinda, publicado no penultimo numero. O sr. Carlos Ribeiro, administrador d'este concelho, comprou o predio de que o sr. Berlinda, como presidente zeloso, que foi da commissão parochial administrativa de Pussos, pretendeu reivindicar uma parte, tal como se encontra.

Não tem a menor responsabilidade no facto de o antepossuidor d'elle ter ampliado um tanto os limites, aliaz devidamente demarcados. E ninguem pode reputal-o capaz de tal pratica.

Quanto ao resto está tudo bem. Mas o sr. Berlinda não tem de que admirar-se. Por toda a parte os republicanos historicos estão sendo descarroavelmente tratados pelos que fazem a politica d'atração. Consolte-se com a ideia de que outros republicanos inscriptos antes da revolução, e residentes n'este concelho, não foram tratados com mais carinho, não já pelo sr. administrador do concelho, mas por outras auctoridades ou funcionarios.

Parece isto *scie*. Os republicanos antigos serviram para fazer a situação que esses taes disfrutam, mas não servem para gosar d'essa situação.

Feita a republica, quem primeiro e melhormente a frue são os que antes a combatiam bravamente.

Uma coincidência curiosa, que apresentamos á consideração dos estudiosos e dos que tem de conhecer d'estes symptomas:

Foram nomeados respectivamente juiz de Direito substituto, vogal d'assistencia judiciaria e juiz de paz de Maçãs de D. Maria, os governador civil de Leiria, administrador do concelho de Alvaizere e regedor d'aquella freguezia, que o eram em 5 de Outubro de 1910 e que nem sequer adheriram por formalidade á Republica.

Isto vae n'um sino, como dizia o finado Visconde de Chancelieiros.

Parece que graves responsabilidades impendem sobre um medico, na gerencia e administração da Associação do Hospital comemorativo fundada aqui para levar a effeito a construcção d'um edificio hospitalar, logo depois da restauração d'este municipio.

Não é que se tenha locupletado com os fundos recolhidos. Mas veem essas responsabilidades das consequencias economicas e financeiras a que tem dado lugar o seu desleixo de largos annos.

Isto é o resultado de se enfendar uma creatura na gerencia d'uma comunidade. Passados tempos considere aquillo roupa de franceses, faz-se dictador e gasta e recebe sem dar contas.

Pois é preciso acabar com isto, saneando estes curraes d'Augias.

Ri-Cardo.

Encontra-se em Lisboa o nosso amigo, sr. Manuel Coelho Fernandes David, ourives n'esta villa.

Carlos Graça

Vimos publicada n'um pasquim qual quer que para ali se publica *uma carta* do sr. Carlos da Silva Graça, na qual esse senhor se refere a este jornal.

Não é nosso costume deixar passar sem os devidos commentarios quaesquer referencias que nos sejam feitas e, por isso, a carta do sr. Carlos Graça, embora dirigida ao *moleiro d'Agua d'Alta*, nos merece os reparos que passamos a expôr.

Diz o sr. Graça, e com alguma graça, que se encontra *absolutamente* affastado da politica, desde que fez a respectiva declaração n'um jornal de Lisboa.

Não sabemos se a declaração a que allude foi a mesma que em tempos fez de que não adheria á Republica, não obstante ter depois disto accedido o logar de administrador d'este concelho. Se é a mesma, é nos licito suppôr que s. ex.^a mudou de opinião, o que representa para o novo regimen mais uma adhesão que, no caso affirmativo, devemos reputar sin-cera.

Diz s. ex.^a, não sabemos tambem com que fundamento, que *o seu nome* anda envolvido em questões e que sobre a sua pessoa tem sido lançado um choveiro de insinuações calumniosas na imprensa, em conversas e até em cartas anonymas!!!

Ora, com franqueza, não nos repugna acreditar que o sr. Graça delira, quando pensa que as conversas dos outros versam sobre a sua pessoa, e muito mais quando diz que o anonymato ousa invectiva-lo!...

Cartas anonymas não se dirigem a qua-quer!

Nós, pelo menos, não temos tido a honra de recebe-las!...

E depois o sr. Graça afirma e não prova, quando melhor seria que, em vez de queixumas banaes, se limitasse a justificar as affirmações que nos dirige.

O sr. Carlos Graça foi um dos elementos que durante largo tempo estiveram ao lado do nosso grupo, por elle combateu na imprensa e n'elle encontrou os seus melhores amigos. O sr. Graça despeitou-se por questões que não vêm para o caso e sahio. Sahiu, mas despeitado!

Vimos com tristeza que s. ex.^a abandonou o nosso grupo, sem razões para o fazer e, quando julgavamos que ia recolher á sua vida privada, notámos que mantinha o mais intimo convívio com aquelles que até ahí o tinham injuriado e que elle proprio tambem ferira cruelmente!

O seu despeito fez brotar no espirito d'aquelles que haviam tido por elle consideração e estima uma terrivel suspeição, por ventura injustificada. Mas quando s. ex.^a aceitou o logar de administrador do concelho a pedido dos nossos inimigos, embora na qualidade de independente, essa suspeição avolumou-se, ao ponto de attingir proporções que o tornavam incompativel connosco, mesmo no campo pessoal.

E' triste, mas é verdade. O sr. Carlos Graça accitou um cargo que lhe foi confiado com a mira de fazer desalojar a commissão municipal, composta de elementos que tudo podiam esperar, menos que s. ex.^a cumprisse tão ingrata tarefa, qual era a de impôr uma demissão que todos julgavam odiosa e infame!

Carlos Graça nunca podia ser em taes condições o *agente* frio e implacavel de uma intimidação despótica e vingativa de antigas inimidades, em que s. ex.^a tão abertamente havia commungado!...

Não devia sê-lo e esse encargo ingrato e melindroso representava para a sua consciencia um acto violento que devia ter repudiado. Não o fez, porem, o sr. Graça e ali a desillusão cruel que nasceu no nosso espirito e em breve se traduzia n'uma irreconciliavel má vontade.

A commissão desobedeceu-lhe e o sr. Graça, só então, se fez demittir.

Os commentarios que se seguiram contra o nosso grupo deram origem ao conceito em que d'ahi para cá o temos tido. Dessculpe nos s. ex.^a tanta franqueza, mas, já que nos estamos referindo á sua pessoa, não podemos deixar de con-

fessar-lhe com a lealdade que tanto nos caracteriza a profunda magua que ainda hoje sentimos de ter servido nas mãos dos nossos e dos seus antigos inimigos de instrumento com que elles pretenderam vexar nos e aniquilar nos!...

E porquê? sim, porquê?!... Afora outras circunstancias de peso, já vê o sr. Carlos Graça que temos razão de suppôr-lo um dos nossos mais incarnicados inimigos, porque a isso tem dado motivo o seu procedimento contra nós. E a respeito de collaborar no jornal, onde publicou a sua carta a que nos vimos referindo, fique o sr. Graça sabendo que temos uma opinião muito firme que não pode ser desmentida com *ameaças*, nem com a *confirmação* de pessoas que nos não merecem o menor credito!

Apesar de tudo, ainda o julgamos superior á *entidade* a que recorreu para fazer uma *prova* que ninguem lhe pedia e que era, portanto, desnecessaria. E depois, muito extranhámos que o sr. Graça se julgasse *offendido* no nosso jornal e recorresse a outro para justificar se, sabido como é que qualquer folha tem o dever de publicar a *defeza* das pessoas que por ella se julgam offendidas.

O sr. Graça não ignora isto, mas quiz, *mais uma vez*, manifestar a sua sympathia pelo *moleiro* ou então metter-nos medo com o *papão*...

O que vale é que os *papões* podem juntar-se todos, que nós iremos dormindo descansados... Os *papões* e os *papalvos*!

Vimos n'esta villa os srs. Antonio dos Santos Fino, da Lomba da Casa; Luciano dos Santos Mattos, commerciante em Lagoa; Manuel dos Reis, de Villas de Pedro; Antonio Henriques Lopes, do Troviscal; Antonio Alves Callado, da Castanheira, e o reverendo José Henriques Coelho, parochia da Graça.

Papa jantares

Deram os da *Manatagem*
Em serem *papa jantares*,
Andam sempre em viagem
Por adegas, por lagares,
Cheios d'ardor e coragem.

Vão até á foz do rio
Pr'o bello peixe apanhar
Seja inverno, seja estio,
A' Foz d'Alge vão pescar
O carapeu, o safo...

Chegou ao Carapinhal,
A casa do bom frei Pança,
E logo em *grita* geral
Pedem vinho e papança
Mas... sem gastar um real.

N'Arega o frei *Masmarro*
Ficou mesmo banzadinho,
Ao ver vir em grande carro,
Pr'a papar-lhe o arranjinho,
O tal grupo tão bizarro.

Disse-me o padre Muralha,
Ao vel-os assim comer:
— Que *masmarros*! que *gentalha*!
Isto assim não pode ser
Vão pr'... Abrantes roer palha!

Está se nas Tintas.

Alvaro Silveira

De visita a seu filho, o nosso amigo sr. Alvaro Silveira, digno chefe da estação telegrapho-postal, vimos n'esta villa o sr. Alvaro da Cruz Silveira, sua esposa e filha, dos Cabaços.

NOTAS ALEGRES

Debaixo dos salgueiros

N'um vasto reivado sombreado pelos salgueiros que vinham beijar docemente o rio, frei Masmarro açodado ajudava as creadas — duas frescas e lindas moçoilas todas engalanadas nos seus trajes de festa — a dispôr a famosa merenda, com que tencionava regalar as veneraveis panças dos *padres mestres da Manatayem*.

— Jacintha, berrava elle, cuidado com os copos. E tu, Engracia, é pôr as garrafas no rio para refrescar o vinho. Oh! com mil demonios! já duas horas e suas reverencias sem chegar! Terá acontecido qualquer precalço?! E, dizendo isto, subiu a um penedo e d'alli começou mirando com attenção o caminho que conduzia á ponte.

Um garoto sujo, coberto de suor, chegava n'este instante aos salgueiros e, vendo frei Masmarro, gritou:

Lá veem elles! Lá veem elles!

— Porque não deitaste o foguete, grande maroto, interpelou frei Masmarro.

— Porque o Manel da Antonia m'o roubou.

— Que o leve o diabo. E a musica, porque não veio?

— O José do bumbo mettu-se em zaragatas e foram-lhe á pelle, e o Francisco *gaiteiro* partiu a gaita de foles na cabeça d'um dos do bando negro e por isso não puderam vir!...

— Nem bombo, nem foguetes, fizeram na bonita, não ha duvida, resmungou frei Masmarro, dirigindo-se apressado a receber suas reverencias, que chegavam em galopos.

— Vivam vossas paternidades! cumprimentou frei Masmarro.

— Que a alegria seja sempre contigo, irmão, disse frei Texugo, apeando-se com custo.

Frei Trabuco, apenas se apeou, tratou de despir o habito e berrou alegremente:

— Isto hoje vae de Pandega! O' Caretas apara lá este, e, pondo as mãos no chão, atirou uma panela de coices, que foi recebida com grandes gargalhadas.

Emquanto os outros frades trocavam cumprimentos, frei Trabuco foi cheirar os cestos da merenda, e, vendo os outros entretidos, escamoteou uns poucos de *croquetes* que comeu avidamente, vindo depois muito sorratamente para o grupo onde as creadas offereciam de beber ao resto dos fradespios.

— Linda moça, dizia frei Texugo para uma das creadas, que Deus te faça uma santa! Voltando se depois para frei d'Aplomb, proseguiu: — Que *peixão*, hein, aquillo é que se chama uma rica *fatia*!...

— *Mundo, diabo e carne*, são os inimigos da nossa alma, lamuriou frei d'Aplomb, pondo os olhos em alto...

— Ao jantar! Ao jantar! Gritavam todos, estirando se na relva e procurando os melhores logares. A refeição começou alegremente.

— Então como vão os negocios da sua *abbadia*, amigo Masmarro? Perguntou frei Texugo, depois de ter esvaziado um copasio do roxo.

— Mal, muito mal, respeitavel padre mestre, as leis satanicas dos *pedreiros livres*, arrolando me a quinta, que constitua o patrimonio da *abbadia*, fazem me soffrer bastante, pois que os seus rendimentos eram um maná para mim. Ainda quiz arrendal a, mas qual historia, houve quem me levasse a dianteira e agora...

— Quem fala ahi em *pedreiros livres*, regougou frei Texugo, com a boca cheia. E' rachal os de meio a meio! Se alguém tiver medo, basto eu e os rendeiros da nossa santa ordem para os pôr em *bandada*!...

— Cale-se ahi com valentias, frei Trabuco, interveio frei Pratilheiro, pois julga que se não sabe que você é um medroso de marca?!...

Tem razão, irmão Pratilheiro, disse gravemente frei Texugo. Tem razão, nada de valentias e muita manha é que é preciso ter. Eu, no seu caso, frei Masmarro, fazia um sermão contra os *pedreiros livres* e a sua obra, berraria que quem se atrevesse a entrar no passal ficaria excommungado, e assim, afugenta-

ria os intruzos e eu ficaria sosinho no campo, para fazer o que entendesse...

— Bem fallado, frei Texugo, berram todos os frades, bem fallado, mas hoje é dia de pandiga e por isso fica prohibido falar-se em coizas serias.

— Viva a pandega, gritou frei Trabuco, dando novo coice e rebolando se na relva.

— Vamos nós dançar, aventou frei Caretas.

— E a nossa regra? obtemporou frei d'Aplomb.

Qual regra, nem qual diabo, hoje aqui não ha frades, ha apenas homens que se querem divertir, berram todos em côro.

— O' frei Pratilheiro, disse frei Alturas, e se você dançasse uma hespanholada?...

— Falta a mulher...

— Ora, está alli a creada, que deve servir.

— Pois bem, vamos a isso!...

Frei Pratilheiro foi buscar a creada, que muito envergonhada se prestou á dança, e tirando do bolso umas castanholas começou saracoteando uma *jota* tocada por frei La-mi-ré, mas embaraçando se nas saias da rapariga deu um passo em falso e foi estatelar se sobre frei Texugo que deitado na relva resmoia pacificamente o jantar, o que provocou grandes gargalhadas em toda a assembleia.

A noite cahia brandamente e suas paternidades preparavam-se para voltar para o convento, quando deram por falta de frei Texugo. Inquietos, procuraram-no por toda a parte, indo dar com elle roncando, estiraçado sobre um molho de palha!

Abanaram-no fortemente, sem conseguirem despertalo; então frei Alturas pegou n'elle ao colo, dizendo:

— Vá lá, como da outra vez!...

E, inçando-o para cima do macho, ataram no solidamente e a fradalhada foi seguindo muito devagar por entre os pinheiros que gemiam, como a censurar o triste estado de frei Texugo.

Alphéo

Em Aldeia Fundeira encontram-se os nossos assignantes, srs. Manuel Henriques, commerciante em Alter do Chão, e João Alyes Pereira e irmão negociantes no Cartaxo.

N'um tribunal

— Episodio *prehistorico* passado no gabinete d'um magistrado —

O animal — V. Ex.^a sabe que...

O magistrado — Eu não lhe admitto insinuações d'arreeiro!...

O animal, enfurecido — Mas V. Ex.^a sabe que eu...

Um espectador — ?!...

O Magistrado (interrompendo) — Você é um malcreado, um estúpido!...

O animal, dando meio coice, increspa a tromba afogueada.

O Magistrado — Ponha-se lá fóra, seu malandro!!!

O espectador (á parte) Apoiado!...

Visitantes

Estiveram entre nós, de visita a sua familia a sr.^a D. Victoria Martins Telhada, acompanhada de seus filhos, srs. Joaquim e José Martins Telhada e D. Lucinda Martins Telhada.

S. ex.^{as} foram cumprimentadas pela philharmonica União Democratica em casa do nosso amigo, sr. João Lopes de Paiva e Silva, onde os illustres visitantes se hospedaram.

Ensinemos as classes populares, Criemos a democracia

« A ignorancia, o esquecimento ou o desleixo dos direitos e deveres do cidadão são as unicas causas da corrupção dos governos e das infelicidades publicas.»

Declaração dos direitos do Homem
26 Agosto 1789 (Revolução Franceza)

Lêr e divulgar

Lêr ao analphabeto

Democracia: E' o governo do povo pelo povo.

Democracia parlamentar: E' a democracia em que o parlamento representa o povo.

O democratista portuguez deve:

- Vêr no parlamento a unica soberania nacional.
- Basear na eleição livre e consciante toda a organização politica autonoma.
- Nunca se abster de qualquer sufragio.
- Querer que os parlamentares sejam zelozos e elevados procuradores do povo sensato.
- Expor a sua opinião sem a impôr.
- Associar se aos partidos politicos, mas não pertencer incondicionalmente aos seus chefes.
- Submitter-se nas assembleias ás maiorias.
- Attender sempre que exerça o mando politico á opinião dos seus concidadãos.
- Respeitar o poder d'outrem quando escolhido livremente pelo povo.
- Despresar a supremacia quando obtida pelo despotismo.
- Querer a intervenção do jury digno nas causas judiciaes.
- Dispensar o fausto nas solemnidades do Estado.
- Organisar reuniões publicas cordatas para defeza de todos os fins uteis e nobres.
- Não reconhecer titulos de distincção senão os adquiridas pelo trabalho, pelo saber, pela honra.
- Não acceitar, pelo seu absolutismo, os dogmas politicos ou religiosos.
- Concorrer para que haja uma consciante opinião publica.
- Prestar o seu respeito e a sua confraternidade a todas as classes sociaes dignas

2.500.000

Emprestam se juntos ou separados em parcelas de 500:000 reis sobre hypoteca de boas propriedades ou letras com bons fiadores.

Trata-se com Perdígão

Figueiró dos Vinhos

Custodio Paiva

De regresso de Lisboa, onde se encontrava ha dias, esteve n'esta villa de passagem para Pedrogam Pequeno o nosso amigo, sr. dr. Custodio Paiva.

De Castro Daire, onde exerce o seu commercio, regressou ao Troviscal o sr. Manuel Rodrigues Costa.

Acha-se n'esta villa no exercicio das suas funcções de empregado viajante da casa Basto & Valente, do Porto, o nosso amigo e antigo correligionario, sr. Illylío José Pereira Guedes.

DECLARAÇÃO

José Soares, natural de Arega e residente em Lisboa, faz publico aos interessados no inventario, a que se procede por obito de seu pae, Antonio Soares, que só toma a responsabilidade de quaesquer contas anteriores a 16 de março findo, visto seu irmão Antonio Soares se encontrar impossibilitado de tomar conta dos seus negocios, por virtude de doença grave, que pode occasionar demora nos trabalhos do referido inventario.

Lisboa, 8-4-912.

José Soares.

De regresso a Alagoa, cumprimentámos n'esta villa o nosso amigo, sr. Manuel Diniz de Carvalho, commerciante em Villa Viçosa.

Novo mercado

Realizou-se no dia 7 de corrente em Villa Facaia o primeiro mercado semanal, que continuará ali a fazer-se aos domingos.

Tal iniciativa partiu dos commerciantes d'aquella localidade e, em especial, do nosso amigo sr. Julio Gama.

ANNUNCIO

(2.^a publicação)

Por este Juizo, cartorio do 2.^o officio e no inventario por obito de Maria Ferreira, que foi das Cabeças d'esta freguezia e comarca, correm editos de 50 dias, a contar da segunda publicação d'este no Diario do Governo, citando para assistir a todos os termos até final, d'aquelle inventario, o interessado Manuel Simões, solteiro, maior, ausente em parte incerta no Brazil, sob pena de revelia.

Figueiró dos Vinhos, 28 de março de 1912.

O esorivão,

Elyzio Nunes de Carvalho

Verifiquei:

Juiz de Direito,

Mendes d'Oliveira

O BARATEIRO DO POVO



Chapeus. Acabam de chegar os ultimos modelos.

Guarda-soes e sombrinhas, gravatas, punhos e collarinhos.

Enorme sortido.

CAMISARIA. Chegou o que ha de mais chic em zephiros e engomadas.

Grande variedade de tecidos em que é sem duvida o que mais barato vende e o que maior sortido tem.

Para inverno e verão.

Tripa Amburgueza

Nova de 1.^a qualidade. Preços para revender Pedidos a esta casa

Quereis tomar bom café?

A titulo de experiencia compra uma pequena porção do que se vende n'este estabelecimento, e assim vos certificareis da verdade.

Kilo 800 reis

CONSERVAS DE ESPINHO

Ha grande sortido d'estas maravilhosas conservas de todas as qualidades.



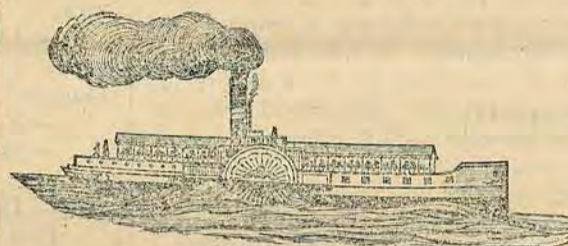
Calçado de feltro, chancas e tamancos para homem, senhora e creanças.

Camisollas, cobertores e peugas de lã.

Tapetes e diversos artigos, etc.

AGENTE DA

Companhia Indemnizadora



Sociedade anonyma — Responsabilidade limitada

CAPITAL SOCIAL: Rs. 1.000.000\$000

REALISADO: Rs. 100.000\$000

Seguros maritimos e terrestres
Rua do Mousinho da Silveira, 12 a 16
PORTO

NINGUEM COMPRE SEM PRIMEIRO EXAMINAR OS PREÇOS D'ESTA CASA

O proprietário, **JOSÉ MIGUEL FERNANDES DAVID FIGUEIRO DOS VINHOS**

OFFICINA DE SERRALHERIA

DE

Jeronymo Rodrigues Pinhão

Figueiró dos Vinhos

Executa todos os trabalhos concernentes á sua arte, como grades, portões, nóras de todos os systemas, moinhos a aermotor, carruagens, etc., tudo por preços modicos.

Participa aos seus amigos e freguezes que, por contracto especial com uma das melhores casas n'este genero e que mais barato vende, fica tendo d'hoje em diante grande deposito de canellas de folha para lamficios e mais applicações, sendo a mais perfeita e a mais solida cujo preço em Figueiró, livre de transportes, é o seguinte:

Canela para trama, prato duplo reforçado.....	47150
» prato singelo	37950
» para Barbim, prato duplo	27950
» para barbim, prato singelo	27350

Estes preços são por cada milheiro.

Todas as vendas são feitas a prompto pagamento, tendo o freguez 2 % de desconto nas compras superiores a 300000 reis.

Na villa de Pedrogam Grande

Grande deposito de adubos chimicos para todas as sementeiras

o maior deposito na região do Zezere

Vendas por atacado e a retalho. Aos revendedores, preço da fabrica

Estes adubos são da mais antiga e acreditada fabrica. HENRY BACHOFEN & C.^a — Lisboa, a quem os srs. consumidores podem dirigir os seus pedidos, ou ao depositario — com vendas exclusivas nos Concelhos de Pedrogam Grande, Figueiró e Certã.

MANUEL RODRIGUES

Largo do Aatro

PEDROGAM GRANDE

Agencia funeraria

Abilio Henriques e Antonio Alves Callado, previnem o publico, de que acabam de montar uma casa funeraria com todos os artigos concernentes a este ramo de negocio, taes como caixões, pégas e pés para os mesmos em metal e madeira dourada e borlas em todas as cores. Encarregam-se de armar ecas e de tratar de qualquer funeral. Tambem se encarregam da encomenda de urnas de mogno para o que tem contracto especial com as principaes casas.

Tambem tem um deposito com grande quantidade de adubos chimicos para sementeira de batatas, milho cereaes e outras culturas.

Preços sem competencia.

Dirigir a Abilio Henriques ou Antonio Alves Callado.

CASTANHEIRA DE PERA

José Manoel Godinho

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Casa depositaria da Companhia dos Tabacos de Portugal

Agencia de vendas nos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Deposito de Phosphoros

CORRESPONDENTE:

CASAS BANCARIAS:

- do Banco Commercial de Lisboa
- » Nacional Ultramarino
- » Allianca do Porto
- » Economica Portugueza do Minho
- » Lisboa & Acores e das

- Credit Franco Portugais
- José Henriques Totta & C.^a Lisboa
- Silva, Beirão, Pinto & C.^a »
- J. M. Fern. Guimarães & C.^a Porto
- Pinto da Fonseca & Irmão »
- Borges & Irmão »

Cobrança de letras e saques sobre todas as terras do paiz. Paga saques d'Africa, Brazil, America do Norte, etc. Desconta cheques sobre todas as praças estrangeiras.

Compra libras, ouro portuguez, notas e dinheiro de paizes estrangeiros.

Compra e venda de titulos da divida publica, acções e obrigações de Bancos e Companhias.

INFORMAÇÕES



Agencia de Seguros contra Fogo

Effectuam-se seguros sobre predios, Fabricas, Estabelecimentos, Mobiliias, Cereacs, Cortiça, Arvoredo, etc.

ATENÇÃO

Antonio Alves Callado, agente de varias Companhias, taes como Garantia do Porto, Portugal Previdente, de Lisboa nas que se encarrega de fazer todos os seguros de vida terrestre, sendo tambem agente da acreditada Companhia de Machinas Singer, cujas machinas vende a prestações e a prompto pagamento com grandes descontos, bem como vende todas as peças soltas, oleo e agulhas encarregando-se de todos os concertos nas mesmas. Igualmente vende cofres á prova de fogo, fogões, camas de ferro e de madeira e outros moveis.

CASTANHEIRA DE PERA

VENDE-SE

Madeira de Castanho, tirantes para Parreiras e tirantes para Casas e cama de lorro.

Quem pretender dirija-se a

João dos Santos Abreu

Quinta das Lameiras

FIGUEIRO DOS VINHOS